



A Construção Concessivo-Comparativa [ATÉ QUE PARA X, Y] como um elogio atípico¹

Concessive Comparative Construction [ATÉ QUE PARA X, Y] as an atypical compliment

Gabriela da Silva PIRES*

Luiz Fernando Matos ROCHA**

RESUMO: Neste trabalho, discutimos acionamento de pressuposição e mesclagem conceptual, a partir de contribuições da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002), na estrutura que chamamos de Construção Concessivo-Comparativa, esquematizada como “ATÉ QUE PARA X, Y” e instanciada em ocorrências como “Até que pra um avô você ainda está em forma”. Seguindo o aporte sociocognitivista da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012), a partir de abordagem teórico-metodológica baseada no uso, com um banco de dados formado por ocorrências retiradas da internet, objetivamos legitimar a hipótese de que a Construção Concessivo-Comparativa como um recurso avaliativo da língua que pode promover uma crítica velada. Após análise empírica dos dados, destacamos

ABSTRACT: In this work, we discuss the activation of presupposition and conceptual blending, based on the theory of mental spaces (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002), in the structure we call concessive-comparative construction, outlined as “ATÉ QUE PARA X, Y” and instantiated in instances such as “Até que pra um avô você ainda está em forma”. Following the socio-cognitive construction grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE, LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012), based on the theoretical-methodological usage-based approach, with a database formed by occurrences taken from the internet, we aim to legitimize the hypothesis that the Concessive-Comparative Construction is as language resource for evaluation and veiled criticism. After the empirical analysis of the data, we point out that this construction seems to enable conceptual blending, by relating scales between

¹ O presente trabalho é baseado nas seções 6.2.2 e 6.10 (PIRES, 2016), com algumas alterações. Nossos sinceros agradecimentos aos pareceristas da revista, pelas contribuições valiosas ao trabalho.

* Doutora em Linguística e professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa/MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4292-2700>. gabriela.pires@ufv.br

** Doutor em Linguística e professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5251-1652>. luiz.rocha@ufjf.edu.br

que esta construção parece promover um processo de mesclagem conceptual, que relaciona escalas entre os espaços mentais e promove o surgimento de categoria *ad hoc*, em que a avaliação feita é relativizada quando comparada a um grupo de expectativas.

mental spaces, then enabling the emergence of an ad hoc category, in which there is an evaluation relative to a group of expectations.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática das Construções. Espaço Mental. Mesclagem.

KEYWORDS: Construction grammar. Mental space. Blending.

1 Introdução

Apresentamos, neste trabalho, um recorte do estudo empreendido sobre o que chamamos de Construção Concessivo-Comparativa (CCC), que tem uma estrutura semipreenchida “ATÉ QUE PARA X, Y” e é instanciada em enunciados como “Até que para um monitor Top ele não está tão caro” (Blog: Olhar do futuro digital/2009/185)². A leitura concessivo-comparativa é disparada holisticamente pelo esquema anteriormente mencionado em que X é formado por um Sintagma Nominal de caráter pouco especificado³ que aciona um rol de expectativas e Y é uma oração que representa um comentário contrário às expectativas.

Esta é, portanto, uma construção gramatical não-canônica da língua portuguesa, que estabelece uma leitura concessivo-comparativa dos eventos construcionalmente relacionados. Assim, o interesse por este estudo se justifica pela oportunidade de descrever e analisar uma estrutura bastante produtiva como recurso avaliativo da língua, a partir de uma abordagem baseada em dados empíricos.

² As ocorrências apresentam as seguintes informações: site de busca, ano de publicação e número da ocorrência no banco de dados constituído para a pesquisa.

Esta instância está disponível em: <http://olhardofuturodigital.blogspot.com.br/2009/01/monitor-samsung-23-retroiluminada-led.html>. Acesso em: 10 abril 2016.

³ Na pesquisa empreendida, por limitações metodológicas, restringimos a configuração de X para um Sintagma Nominal iniciado por Artigo Indefinido Singular, de forma a viabilizar a busca online por estruturas de caráter pouco especificado. A busca por “até que para uns/umas”, na fase inicial do processo metodológico, retornou um número pouco expressivo de resultados.

O embasamento teórico adotado segue o aporte sociocognitivista da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012), como forma de caracterizar essa estrutura como um par forma-função, e está também alinhado à abordagem acerca de espaços mentais e mesclagem conceptual (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002) para fundamentar nossa hipótese de emergência de categoria *ad hoc*, em que a avaliação feita é relativizada quando comparada a um grupo de expectativas, podendo variar entre o elogio e a crítica.

Assim, os principais objetivos deste trabalho são: (i) legitimar empiricamente nosso objeto de estudo como um fenômeno construcional concessivo-comparativo; e, a partir da Teoria dos Espaços Mentais, (ii) verificar como a relação de pressuposição pode ser aplicada à construção estudada; e (iii) descrever o processo de mesclagem conceptual envolvido na construção.

No trabalho inicial, foram delineadas quatro expressões para nortear a busca de ocorrências: “até que para/pra quem”, “até que para/ pra alguém”, “até que para/pra um” e “até que para/pra uma”. Dentre essas, elencamos o conjunto “até que para/pra um” para este trabalho. Para tanto, conduzimos uma abordagem empírica e elencamos três domínios da internet para a busca de dados: (i) abril.com.br; (ii) blogspot.com.br; e (iii) br.answers.yahoo.com. Ao final do processo, obtivemos 195 ocorrências, a partir das quais pudemos empreender o atual estudo.

Os desdobramentos da pesquisa são apresentados neste trabalho da seguinte maneira: na seção 2, trazemos um breve panorama dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva que sustentam nossa investigação; na seção 3, comentamos o procedimento metodológico de busca e tratamento dos dados; na seção 4, discutimos alguns pontos de análise para, na seção 5, tecermos as considerações finais.

2 Pressupostos sociocognitivistas para o tratamento do significado construcional

Nesta seção, apresentamos pressupostos da Linguística Cognitiva fortemente relacionados ao estudo aqui empreendido. Assim, buscamos discutir como os conceitos de construção gramatical, espaços mentais e mesclagem bem como a noção de escalas pragmáticas se articulam no caminho traçado para nossa descrição da construção Concessivo-Comparativa.

2.1 Gramática das Construções para as estruturas não canônicas

O pressuposto construcionista, ao qual está alinhado este trabalho, assume que o conhecimento gramatical do falante se organiza em torno de construções de sua língua – pareamentos entre uma forma e um significado ou uma função e que formam uma rede estruturada (GOLDBERG, 1995, 2006). Essa afirmação traz consigo uma série de desdobramentos, que se distribuem em torno de questões como: reivindicação da visão holística do significado, assumindo-se haver baixa composicionalidade dos enunciados; a abrangência do que é construção (compreendendo morfemas, palavras, padrões frasais); a ênfase na continuidade entre semântica e pragmática na produção do sentido; o caráter idiomático de muitas construções, o que faz com que se insiram no processo de aprendizagem da língua; e ainda o entendimento de que construções constituem um sistema organizado (e não aleatório) da gramática.

Uma visão complementar sobre construções é a do linguista Charles Fillmore e seus colaboradores, para quem as construções são regras de estrutura: um signo maior e mais complexo pode ser constituído de signos menores que se estruturam para especificar informação sintática, lexical, semântico-pragmática (cf. FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 501). Essa noção admite que as chamadas construções idiomáticas se difiram das construções regulares por terem uma semântica distinta do que seria calculado pela soma das unidades menores. Percebemos assim a importância de trabalhos pioneiros como o estudo de construções com a expressão “*let alone*”, em

que Fillmore, Kay e O'Connor (1988) enfatizam que a idiomatidade tem muito de “produtivo, altamente estruturado e digno de investigação gramatical séria”⁴ (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 534). Para os autores, as construções especiais – tratadas como repositório – constituem, na verdade, um conjunto sistemático de fenômenos.

O modelo postulado pela vertente construcionista prevê um inter-relacionamento entre os módulos de representação gramatical. Croft e Cruse (2004) propõem que propriedades da forma e propriedades do significado tenham uma correspondência simbólica gerada no interior da construção; o que quer dizer que elas atuam como um todo. O significado construcional é, pois, concebido como parte da própria construção, em que os elementos se inter-relacionam.

Segundo Croft e Cruse (2004), se, por um lado, as investigações construcionistas formaram um corpo inicial para dar conta dos casos idiomáticos, seu foco passou a ambicionar uma abordagem que desse conta do conhecimento gramatical do falante como um todo. Assim, o mesmo aparato usado para analisar e responder aos fenômenos tomados como irregulares (ou periféricos) deveria ser empregado para os casos regulares (ou nucleares) dentro da gramática (cf. FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; CROFT; CRUSE, 2004).

Sobre o que sejam as construções, Goldberg (2006, p. 5) sintetiza o pensamento construcionista:

TODOS OS NÍVEIS DE ANÁLISE GRAMATICAL ENVOLVEM
CONSTRUÇÕES: PARES APRENDIDOS DE FORMA COM FUNÇÃO
SEMÂNTICA OU DISCURSIVA, incluindo morfemas ou palavras,

⁴ Nossa tradução de: “(...) is productive, highly structured, and worthy of serious grammatical investigation” (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 534).

idiomas, padrões frasais parcialmente preenchidos lexicalmente ou completamente genéricos (GOLDBERG, 2006, p. 5)⁵.

No desdobramento dessa definição, Goldberg (2006) amplia o conceito de construção para além da afirmação da hipótese da baixa composicionalidade. Em relação ao caráter imprevisível da construção, Goldberg (2006) afirma:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como construção desde que algum aspecto da sua forma ou da sua função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou a partir de outras construções existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções mesmo se forem completamente previsíveis, contanto que ocorram com frequência suficiente (GOLDBERG, 2006, p. 5)⁶.

Como se vê, é mantida a noção da imprevisibilidade, afirmando-se a composicionalidade fraca da construção. Além disso, essa é uma concepção de construção que procura dar conta do conhecimento gramatical do falante como um todo, como dito por Goldberg (2006, p. 18): “tudo são construções”.⁷ Tudo são construções na língua no sentido de que o que fazemos desde nomear um objeto até pedir um cafezinho na padaria são padrões aprendidos que relacionam uma determinada forma a uma função (semântica ou discursiva), que se apoiam em nossa experiência no mundo.

Corroborando esse pensamento, Salomão (2009, p. 41), em seu estudo sobre a Construção de Determinação de Quantidade, também esclarece que construção “impõe um recorte específico à integração conceptual a que procede” e “não é matéria

⁵ Nossa tradução de: “ALL LEVELS OF GRAMMATICAL ANALYSIS INVOLVE CONSTRUCTIONS: LEARNED PAIRINGS OF FORM WITH SEMANTIC OR DISCOURSE FUNCTION, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

⁶ Nossa tradução de: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency (GOLDBERG, 2006, p. 5).

⁷ Nossa tradução de: “it’s constructions all the way down” (GOLDBERG, 2006, p. 18).

de pura combinação sintagmática”, disso resultando que o significado holístico será sempre mais rico que os significados isolados das partes. Também Pinheiro (2016, p. 27) traz contribuições para a descrição de construções em português brasileiro, ao pontuar que desde palavras, como “árvore”, a esquemas sintáticos semipreenchidos, como “Que mané X”, “todos esses elementos são, em última instância, pareamentos de forma e significado”.

Para reivindicar o lugar das construções na gramática, Goldberg (1995) enfatiza em seu trabalho as Construções de Estrutura Argumental (CEA) – emparelhamentos entre forma e função que trazem um padrão frasal que evidencia algum tipo de cena básica, disparada por um *frame*, esquema cognitivo com elementos interrelacionados que acionam expectativas (FILLMORE, 1982). Nessa abordagem, o verbo ocupa um *status* de predicador, embora haja consenso de que o sentido global da construção se dê por meio da interação de todos os elementos.

Em abordagem contemporânea, ancorada ao projeto *Constructicon*, Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012, p. 321), postulam construções como “regras que licenciam signos linguísticos ‘novos’ baseados em outros signos linguísticos”.⁸ A descrição da construção pode ser feita, nessa abordagem, de maneira formal em um formato de Matriz de Valores de Atributos (*Attribute-Value Matrix*), ou informalmente em prosa. Essa estrutura chamada “constructicon” é entendida como o signo MÃE e é formada por constituintes menores, chamados de FILHAS, que se relacionam por meio de regras e restrições (sintáticas, semântico-pragmáticas e contextuais). Para uma descrição, é necessário identificar as entidades linguísticas na extensão da instância da construção que representam seus constituintes (cf. FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012, p. 321). É proposto que essa estratégia possa ser usada para a descrição de qualquer construção.

⁸ Nossa tradução de: “(...) rules that license ‘new’ linguistic signs based on other linguistic signs” (FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012, p. 321).

Com isso, pretendemos evidenciar que a abordagem de construções apresentada no projeto *Constructicon* é compatível com a proposta de Goldberg (1995, 2006), alinhando-se com nosso objeto de estudo e fornecendo meios práticos para descrição da construção por nós estudada. Assim, uma das maiores vantagens em relação ao aparato da *Constructicon* é por este ser uma ferramenta de descrição construcional que, segundo Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012, p. 369) “é flexível o suficiente para manusear construções de qualquer tipo de complexidade”⁹.

2.2 Os Espaços Mentais

Uma vertente bastante produtiva na área da Linguística Cognitiva e que contribui significativamente em nossa análise é a Teoria dos Espaços Mentais, que se propõe a dar um tratamento do significado voltado para o plano discursivo. Fauconnier (1994, 1997) introduz a noção de espaços mentais como estruturas parciais desdobradas ao longo do discurso e alicerçadas por *frames*. De acordo com Fauconnier (1997, p. 34), os “espaços mentais são os domínios que o discurso constrói para fornecer um substrato cognitivo ao raciocínio e interação com o mundo”¹⁰.

Nas palavras de Salomão (2003, p. 70), espaço mental é um “domínio epistêmico postulado temporariamente como ferramenta de processamento do discurso” e sua noção permite uma abordagem séria do fenômeno da projeção. De acordo com Sweetser e Fauconnier (1996, p. 11), a estrutura dos espaços mentais é considerada simples por ser parcial. Nela são incorporados *frames* (conceptualizações esquemáticas e socioculturais), aos quais se encaixam os elementos dos espaços mentais.

Conforme pontuam Fauconnier e Turner (2002) posteriormente, também as experiências imediatas e episódicas estruturam os espaços mentais, sendo que o grau

⁹ Nossa tradução de: “(...) is flexible enough to handle constructions of any level of complexity” (FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012, p. 369).

¹⁰ Nossa tradução de: “Mental spaces are the domains that discourse builds up to provide a cognitive substrate for reasoning and for interacting with the world” (FAUCONNIER, 1997, p. 34).

de familiaridade que estabelecemos com os elementos influencia na forma como são estruturados. Nesse sentido, há variação no entendimento e na organização conceptual de esquemas mais ou menos específicos e situados como, por exemplo, “manifestações populares” ou “manifestações de 15 de março”, compreendidos e assimilados por uma parcela maior ou menor de pessoas. De tal modo, a inter-relação entre *frames* e espaços mentais permite considerar que “aprender um espaço mental é em alguns casos aprender o *frame* que o organiza”¹¹ (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 104).

Segundo Fauconnier (1994, 1997), os espaços podem ser introduzidos no discurso por meio dos chamados construtores de espaço (*space builders*). Sweetser e Fauconnier (1996, p. 10) pontuam que os construtores de espaço são “mecanismos explícitos que os falantes podem usar para induzir o ouvinte a estabelecer um novo espaço mental”.¹² Exemplos de expressões linguísticas que atuam como construtores de espaços podem ser sintagmas preposicionais (*na foto, na opinião de João, em 2008, na faculdade*), advérbios (*provavelmente, teoricamente*), combinações de sujeito e verbo (*João acredita que; Pedro quer que; Maria alega que*), conectivos (*se A, então B; apesar de*). Os construtores de espaço estabelecem que o espaço por eles introduzido é relacionado ao espaço do qual se originou – o espaço pai (cf. FAUCONNIER, 1994).

Amplamente discutida na obra de 1994 e sintetizada em 1997, a pressuposição é um recurso gramatical que marca parte da estrutura dos espaços mentais como pressuposta (FAUCONNIER, 1997). Há longa discussão sobre os casos clássicos, como “Pedro (não) parou de fumar”, ou “Pedro (não) continua a fumar”, que ilustram como os aspectuais, ainda que sob efeito de negação, imprimem informação prévia de que o Pedro necessariamente fumava. Desse modo, no âmbito dos estudos de espaços mentais, a pressuposição é tida como uma informação (linguisticamente contida na

¹¹ Nossa tradução de: “To learn a mental space is in some cases to learn the frame that organizes it” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 104).

¹² Nossa tradução de: “(...) overt mechanisms which speakers can use to induce the hearer to set up a new mental space” (SWEETSER; FAUCONNIER, 1996, p. 10).

sentença) que pode “flutuar” até os espaços superiores (adotando-se um movimento descendente de desdobramento discursivo), e pode – ou não – chegar ao espaço Base (da realidade discursiva do falante). Um dos aspectos de interesse é que as pressuposições aparentemente apresentam um poder comunicativo de “fazerem o falante sentir que já são dadas e, portanto, difíceis de serem questionadas ou refutadas”¹³ (FAUCONNIER, 1994, p. 108). Assim, são vistas como aquelas informações inferidas gramaticalmente no enunciado – e que exibem caráter estável.

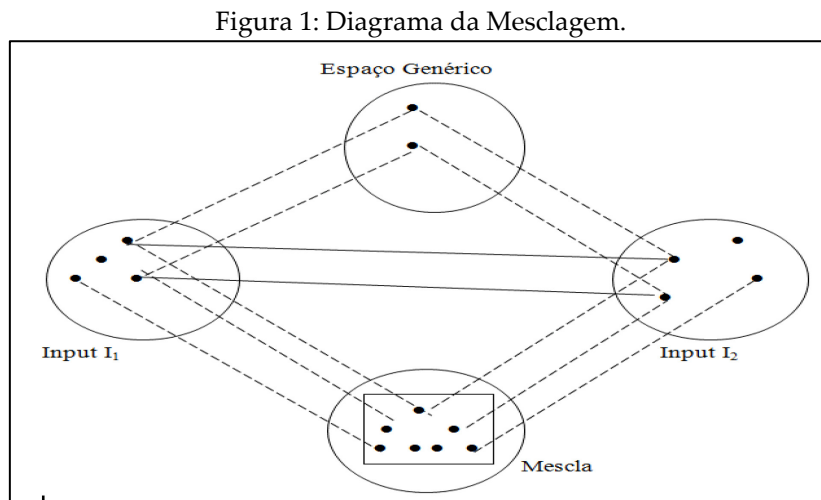
2.3 Mesclagem

Introduzida em meados da década de noventa por Gilles Fauconnier e Mark Turner, a mesclagem é uma operação cognitiva responsável pela integração conceptual entre espaços mentais. Fauconnier e Turner (2002) alegam que a mesclagem é uma operação básica, central na imaginação, em que, a partir de mapeamentos, estruturas parcialmente provenientes de espaços (*inputs*) são integradas de forma seletiva, originando um novo espaço chamado “mescla” – o qual pode conter propriedades emergentes. Além dos espaços *inputs*, participa do processo de mesclagem um espaço genérico, que é mais esquemático e atua na estruturação do mapeamento. O espaço proveniente dessa integração conceptual – o espaço mescla – é, segundo Fauconnier (1997, p. 22), mais rico que seus *inputs* e, ao ganhar consistência, é capaz de promover uma reorganização das nossas categorias e nossa forma de pensar sobre elas. Como apontado por Croft e Cruse (2004, p. 39), a Teoria da Mesclagem avança nos estudos sobre espaços mentais; e seu foco é investigar “como a informação de dois espaços, construídos amplamente para incluir domínios, é combinada de forma a produzir novas estruturas conceptuais”¹⁴.

¹³ Nossa tradução de: “(...) making the hearer feel they are already somehow given and therefore difficult to question or refute” (FAUCONNIER, 1994, p. 108).

¹⁴ Nossa tradução de: “(...) how information from two spaces, construed broadly to include domains, is combined to produce novel conceptual structures” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 39).

O diagrama a seguir (Figura 1), reproduzido de Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002), ilustra esquematicamente a operação de uma mescla integrada:



Fonte: trabalhos de Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002).

O exemplo de Fauconnier (1997) para ilustrar o processo de mesclagem subjacente à expressão “vírus de computador” permite identificar os quatro domínios envolvidos nessa integração: $Input_1$, $Input_2$, Espaço Genérico e Mescla. Há o espaço relativo ao campo da biologia, que contribui com a palavra “vírus” ($Input_1$), e o espaço relativo ao campo do computador ($Input_2$). O espaço genérico contribui com informações esquemáticas sobre a estrutura, que é algo comum ao vírus e ao computador, como o fato de serem estruturas com funcionamento sistemático e organizado. Na mescla, surge o “vírus de computador”, que é um programa nocivo ao computador, como estrutura emergente que contém informações parciais dos dois domínios principais que lhe deram origem, além de informação própria.

Coulson (2001) comenta que uma mescla pode ser empregada para mudar a saliência de um elemento, realçando ou contrastando aspectos de seu esquema

original. E, referindo-se ao uso de mesclas relacionadas a temas polêmicos,¹⁵ a autora afirma que, ao recrutarem *frames* com forte envolvimento sociocultural, as mesclas são eficazes em evocar respostas afetivas dos interlocutores, pois parecem ter forte apelo motivacional (COULSON, 2001, p. 200-1). Sintetizando as considerações de Coulson (2001, p. 158-161) sobre as mesclagens, concordamos que a habilidade das pessoas em integrar prontamente as informações lexicogramaticais e construir categorias *ad hoc* é sugestiva do poder dos chamados conceitos temporários, que são construídos na nossa memória de trabalho, com propriedades emergentes altamente atuantes no gerenciamento do sentido.

2.4 Escalas pragmáticas

Por também dialogarem fortemente com nosso objeto de estudo, as escalas pragmáticas são aqui discutidas, sob o enfoque de trabalhos desenvolvidos na vertente da Linguística Cognitiva. Escalas são pragmáticas tanto porque se sustentam em significações que levam em conta o uso como também porque permitem ao falante usar o significado na interação com seus interlocutores. Na década de oitenta, Fauconnier (1980) discute alguns ambientes gramaticais que se relacionam a uma noção de gradação, em que uma escala pragmática implicacional seria ativada por itens que expressam pontos extremos, como valores mínimos ou máximos.

O autor discute exemplos de acarretamentos em direção ao sentido ascendente ou descendente de uma escala pragmática implicacional. Por exemplo, se é dito que alguém bebeu um litro de vinho, é depreendido que a pessoa terá bebido 500 ml, 100 ml, e assim por diante, até um valor mínimo de ingestão. De igual modo, se é dito que alguém não bebeu sequer uma gota de vinho, fica entendido que a pessoa não terá

¹⁵ Os exemplos discutidos por Coulson (2001) foram “assassinato” (cometido por filhos a seus pais) e “aborto”. Em cada caso independente, esses temas serviam como um dos *inputs* em mesclas que utilizavam o vocabulário sobre “vírus de computador” como *input*. Nas mesclas, “deletar arquivo” era mapeado a “assassinar” ou “abortar”, respectivamente.

ingerido quantidade nenhuma do líquido. Nos exemplos trazidos pelo autor, é observado que o operador “even” (traduzido para o português como “mesmo”, “nem mesmo”, “sequer”) sinaliza de forma explícita uma referência a um ponto extremo de uma escala, eliminando uma possível leitura literal¹⁶ – que não teria implicações escalares (FAUCONNIER, 1980, p. 60).

Uma escala pragmática é, conforme esclarece Coulson (2001, p. 215), um conjunto ordenado de proposições inseridas em uma (ou mais de uma) dimensão semântica relevante de forma que seus elementos se relacionem por implicação, fazendo surgir inferências. Um dos estudos mais famosos sobre escalas pragmáticas é o trabalho de Fillmore, Kay e O’Connor (1988) sobre construções com “let alone”, que usa o modelo escalar de probabilidade. Considerando-se uma rústica tradução do termo para o português, se dissermos “Ele não chegou nem a Três Rios, que dirá ao Rio”, fica subentendida uma escala de distância percorrida e ponto a ser alcançado, em que a cidade do Rio de Janeiro esteja em um ponto superior na escala (mais longe) comparado à posição ocupada por Três Rios. Um raciocínio escalar desse tipo pode ter como base uma viagem de Juiz de Fora ao Rio de Janeiro, pela BR-040, e ser utilizado para responder a uma expectativa de chegada ao Rio.

Correlações escalares permeiam grande parte de nossa comunicação. Nesse sentido, é assumido que nossas experiências com fenômenos escalares no ambiente físico (como as correlações entre claro e escuro, alto e baixo, quente e frio, longe e perto, para citar alguns exemplos) são úteis por nos permitirem “raciocinar a partir do grau de um aspecto de uma situação para o grau de outro aspecto da situação” (SWEETSER; FAUCONNIER, 1996, p. 25). Essa escalaridade experienciada física e socialmente é também empregada linguisticamente para lidar com proposições mais ou menos

¹⁶ Parafrazeando as discussões de Fauconnier (1980, p. 60): em “Esta faca não corta uma carne macia” tem-se uma leitura direta de negação. Já em “Esta faca não corta nem mesmo uma carne macia”, abre-se uma escala de probabilidades, em que os pontos extremos seriam uma carne macia (com maior probabilidade para o sucesso do corte) e uma carne dura (com menores chances).

prováveis ou aceitáveis, e para ranquearmos as situações em termos de sua probabilidade. Definidos, em linhas gerais, os conceitos que embasam nossa empreitada investigativa, passamos aos procedimentos metodológicos usados para constituição de nosso banco de dados.

3 Procedimento metodológico

Delineamos como nosso objeto de estudo o esquema construcional “ATÉ QUE PARA X_[SINTAGMA MENOS ESPECÍFICO] Y_[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]”. Tomando como base o caráter menos específico (não particularizado e mais genérico) do elemento que preenche a lacuna X, e buscando verificar a manutenção¹⁷ do valor menos específico associado a X, o objeto de estudo passou a contemplar os pronomes “quem” e “alguém” e sintagmas nominais formados a partir dos artigos indefinidos “um” e “uma”. As expressões de busca foram: “até que para/prá quem”, “até que para/prá alguém”, “até que para/prá um” e “até que para/prá uma”. Investidas iniciais em *corpora* disponíveis à época (Corpus do português, Corpus Brasileiro, NURC-RJ) nos mostraram que o fenômeno que buscamos estudar com dados empíricos não foi satisfatoriamente encontrado mesmo em *corpora* considerados de grande porte. Passamos, então, à fonte mais acessível de dados linguísticos em abundância – a internet, através da busca avançada do Google.

Selecionamos três domínios da internet que permitissem restringir nossa busca para páginas que fossem em português do Brasil e que, minimamente, contemplassem estilos diversos. Os domínios escolhidos foram: (i) o Grupo Abril (abril.com.br); (ii) blogs de criação gratuita (blogspot.com.br); e (iii) a versão brasileira do site de perguntas e respostas, Yahoo Respostas (br.answers.yahoo.com). A inclusão do Grupo

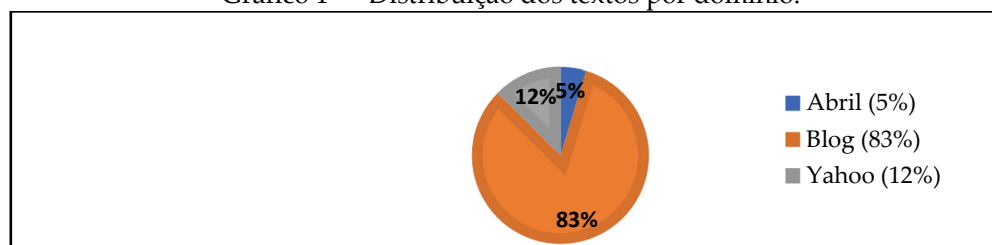
¹⁷ Partindo da nossa hipótese de que há um esquema construcional acionado pela estrutura semipreenchida “até que para X” envolvendo um grupo genérico de elementos que geram expectativas, foi necessário restringir a busca para evitar a obtenção de dados como “até que para a Maria, o Brasil vai bem” (de leitura conformativa/opinativa: conforme a opinião da Maria, o Brasil vai bem). O caráter mais específico de X pode viabilizar leituras distintas da que é efetivamente nosso foco, a concessiva.

Abril nas buscas visa a contemplar um ambiente legitimado como veículo de comunicação, reconhecido pelo apreço às convenções formais de escrita e cuja produção linguística é de registro predominantemente formal. Os blogs têm característica de diários pessoais online, e, conforme é apontado por Diemer (2011), são vistos como um discurso de escrita colaborativa, próximo à oralidade, podendo apresentar pouca preocupação dos autores com adequação formal da língua. O Yahoo Respostas é um site criado pelo Yahoo!, destinado à interação de perguntas e respostas sobre temas variados, feitos por usuários com conta no Yahoo!. A coleta consistiu em selecionar os 200 primeiros resultados de cada busca pela ferramenta Google.

Após busca e tratamento dos dados, obtivemos 385 ocorrências válidas (em um universo de 800 resultados, representando assim 48% de aproveitamento). Importante destacar que 401 resultados foram descartados devido a repetição de ocorrências, na maior parte das vezes e, eventualmente, por falta de acesso ao site. Neste trabalho, elegemos para a discussão dos dados as ocorrências provenientes do conjunto “ATÉ QUE PARA/PRA UM”, que apresenta 195 ocorrências, ou 50.65% dos dados válidos, tornando-se o grupo mais representativo dos dados (foram: 92 ocorrências em X=QUEM; 91 ocorrências em X=UMA; e 07 ocorrências em X=ALGUÉM).

O recorte feito consolida, por si só, um banco de dados composto por aproximadamente 82.400 palavras. O Gráfico 1, a seguir, evidencia a distribuição dos dados em relação ao tamanho dos textos quanto ao número de palavras.

Gráfico 1 – Distribuição dos textos por domínio.



Fonte: elaborado pelos autores.

Assim, percebemos que há uma concentração significativa de dados provenientes do domínio blogspot.com, indicativo de uso de linguagem menos monitorada, mais informal e, portanto, assim inferimos, mais suscetível ao espaço da inovação linguística. Passamos agora à análise dos dados.

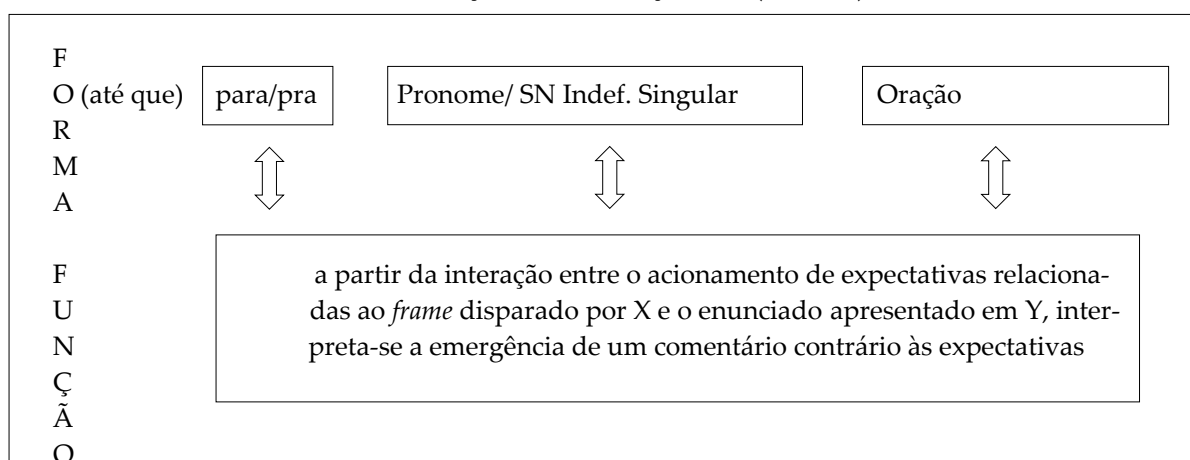
4 Análise dos dados: Construção Concessivo-Comparativa como o elogio atípico

Nas próximas seções, descrevemos e discutimos o esquema construcional ATÉ QUE PARA X, Y e sua relação com o acionamento (e cancelamento parcial) de pressuposição bem como o papel da mesclagem conceptual para favorecer o surgimento de categoria ad hoc, em que uma avaliação feita é relativizada quando comparada a um grupo de expectativas.

4.1 Configuração do esquema construcional “ATÉ QUE PARA X, Y”

Por ser um pareamento entre forma e função, o esquema ATÉ QUE PARA X, Y apoia-se, de igual maneira, nas esferas formal e semântico-pragmática para viabilizar uma leitura holisticamente concessiva e comparativa. Inspirados na proposta de Goldberg (1995, 2006), apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 1 – Relação forma e função em “(ATÉ QUE) PARA X, Y”.



Fonte: elaborado pelos autores.

Para iniciar nossa discussão, tomemos um exemplo inicial, retirado de um blog de contos¹⁸:

(1) -O senhor anda muito sozinho. Não pensa em arrumar uma namorada?
-Os olhos dela brilhavam como dois pedaços de vidros velhos.
Agora Arthur parou. *Até que para um jovem de 25 anos ele era um pouco sozinho.*
Mais também sua rotina não ajudava, hospital, casa, casa, hospital. Não havia tempo para pensar em namorar. (Blog: Nasfalto/147/2012)

O elo entre os polos sintático e semântico-pragmático é estabelecido na construção, conforme discutido por Croft e Cruse (2004). Ainda se considerando a interação entre os polos sintático e semântico-pragmático, entendemos que o caráter menos específico de X na contraparte “(ATÉ QUE) PARA X” atua fortemente para a consolidação da Construção Concessivo-Comparativa (CCC). A CCC apresenta um esquema semipreenchido disparado pela interação entre a estrutura ATÉ QUE PARA X (Sintagma Nominal indefinido) e Y (uma oração que contraria as expectativas levantadas pelo *frame* acionado em X). Isso nos diz que, quando o enunciador do conto introduz “Até que para um jovem de 25 anos”, abre-se um rol de possibilidades de inferências para o *frame* relacionado a jovens, do sexo masculino, possivelmente solteiros. Tal esquema evoca expectativas sociais que podem incluir rotinas de diversos momentos de interação social, relacionamentos amorosos.

A leitura concessivo-comparativa da construção se efetiva na contraparte Y “ele era um pouco sozinho”. Há uma correferencialidade direta entre o elemento contido em Y (ele) como um indivíduo pertencente ao grupo acionado em X (jovem/jovens de 25 anos). Uma das possíveis expectativas acionadas é quebrada na construção. O personagem Arthur, apesar de ser um jovem de 25 anos, e inclusive comparado a jovens de 25 anos, é uma pessoa sozinha. Pelo contexto, percebe-se que a suposta

¹⁸ Esta ocorrência está disponível em: <http://nasfalto.blogspot.com.br/>. Acesso em: 04 abril 2016.

solidão também é associada à ausência de um relacionamento afetivo. Assim, o *frame* acionado pelo SN que preenche X é confrontado com o *frame* acionado pela oração em Y (que, por sua vez, tem uma cena construída por um predicador verbal ou nominal). Em linhas gerais, uma expectativa social sobre o *frame* Ser_jovem¹⁹ é quebrada na interação com o *frame* Ser_sozinho.

Diferentemente da proposta de Goldberg (1995, 2006), não descrevemos aqui uma CEA (Construção de Estrutura Argumental), uma vez que nosso objeto não se fundamenta em torno de um verbo disparador de *frame* (cena na qual a construção irá se efetivar). O elemento disparador de *frame* na CCC é nominal: o Sintagma Nominal que preenche o slot X, que ocorre de forma mais generalizada (um jovem de 25 anos), mas também pode ocorrer de maneira mais situada e contextualmente circunscrita (ex-Arena, ex-PFL e atual Dem), como em (2):

(2) A análise é do ex-governador de São Paulo, Cláudio Lembo, em conversa com o portal Terra na manhã desta quarta-feira (15). Atual secretário municipal dos Negócios Jurídicos de São Paulo, Cláudio Lembo, do DEM, enfrentou uma gravíssima crise: a dos ataques do PCC em maio de 2006, quando era o governador do Estado. (Terra Magazine - 15 de setembro de 2010)

Até que para um ex-Arena, ex-PFL e atual Dem, ele tem discernimento. Vcs concordam? (YR: Governo e Política/251/2009)²⁰

O internauta, na parte de perguntas da categoria “Governo e Política” do YR, comenta uma declaração do ex-governador do estado de São Paulo, Cláudio Lembo, sobre as eleições presidenciais de 2010, em que: de um lado, a mídia teria José Serra como candidato, e, de outro lado, haveria um movimento social comandado por Lula. Ao final, o autor faz um comentário sobre o discernimento da declaração de Lembo

¹⁹ A alteração da fonte é uma forma de diferenciação terminológica para demarcar o esquema conceptual. Optamos por Candara.

²⁰ Esta ocorrência está disponível em:

<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100915141839AAEJRBI> . Acesso: 10 abril 2016.

em contraposição às suas filiações partidárias. Utiliza, para tanto, a construção concessivo-comparativa, que situa as duas situações como incompatíveis. Na parte de respostas, o comentário de um usuário reforça o sentido de incompatibilidade da relação “pertencer a determinado partido político *vs.* ter discernimento”:

(3) Claudio Lembo é um sujeito que nunca entendemos o que faz, pensa e de que lado está.. O fato de estar no Dem, já torna tudo o que fala, além de vago, suspeito..rss (YR: Governo e Política/ 2010)

Ao enunciar que “estar no Dem” torna “suspeito” o que Lembo fala, o usuário atribui incredibilidade ao político por meio dessa relação, reforçando o sentido dado pelo autor em (3). Assim, a situação descrita em X é concebida como uma situação obstáculo para Y principalmente por duas situações: de ordem sociocultural e de ordem estrutural:

Do ponto de vista sociocultural, percebemos que tanto o autor da pergunta como o usuário que emite uma resposta participam de uma ideologia política que coloca em xeque a credibilidade de políticos já filiados a partidos como Arena (Aliança Renovadora Nacional – conhecido pelo posicionamento de extrema direita e de apoio ao governo militar durante a ditadura civil-militar no Brasil), PFL (Partido da Frente Liberal – extinto partido político geralmente envolvido em escândalos políticos), DEM (Democratas – partido de centro-direita surgido em 2007 e proveniente do PFL).

Se fossem usadas expressões como “ele tem muito discernimento” ou “ele tem pouco discernimento”, a contraexpectativa seria graduada. Dada a informação em absoluto, a relação estabelecida passa a ser de sim ou não. Abre-se, portanto, uma pressuposição de que o esperado seria de que Lembo não tivesse discernimento algum devido ao fato de ser “ex-Arena, ex-PFL e atual Dem”. Tal pressuposição ocorre porque, do ponto de vista estrutural, a informação veiculada em Y é dada em absoluto, ou seja, não é quantificada com uso de algum intensificador.

Poderá haver o acionamento de um *frame* disparado por um só substantivo, como se vê nos exemplos (4), (5) e (6), ou o acionamento de um *frame* por maior extensão lexical, como se vê nos exemplos (7) e (8):

(4) Até que pra um **gay**, vc está se saindo bem cabecinha fechada heim (YR: Religião e Espiritualidade/287/2009)

(5) até que pra um **baiano** vc é bem "agitadinho"! (YR: Solteiros e namorando/285/2011)

(6) Até que para um **iniciante** me saí bem (Blog: Felicidades pra você/189/2008)

(7) até que para um **baterista que só tem um braço**, ele manda bem. (YR: Música/ 268/2009)

(8) Até que pra um **filme que simboliza o início da decadência da Hammer**, LUXÚRIA DE VAMPIROS (1971) é legal. (Blog: Cinediário/202/2003)

Em termos quantitativos, constatamos haver maior acionamento de *frame* socialmente mais genérico e generalizado, quando X é instanciado por um só substantivo, representativo de 40% dos dados, em detrimento de *frame* socialmente mais circunscrito e dependente do contexto, quando acionado por maior extensão lexical, que foi representado por 18% dos dados.

Em consonância com a proposta de Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012), que se alinha a uma descrição ampla de construções para dar conta de diversas configurações, apresentamos no Quadro 2 a seguinte descrição em prosa, adaptada do modelo sugerido pelos autores:

Quadro 2 – Representação da Construção Concessivo-Comparativa.

Nome	Construção Concessivo-Comparativa
M (Mãe)	Oração com adjunção anteposta.
F1 (Filha 1)	Sintagma Preposicional, formado por estrutura argumentativa “até que” + preposição “para” + Sintagma Nominal Indefinido Singular + (complemento nominal de acordo com a valência).
F2 (Filha 2)	Oração.
Interpretação	O elemento em F1 (pronome ou SN) aciona uma categoria que evoca um <i>frame</i> , gerando expectativas. O comentário avaliativo feito em F2 é analisado como contrário a ao menos um aspecto dentre o rol de expectativas geradas pelo elemento citado em F1. O comentário em F2 é comparativo em relação ao <i>frame</i> evocado em F1, e, no caso de haver atributos graduáveis em F2, estes são situados numa escala em nível superior ou inferior (não igual) à expectativa de F1. Em sua configuração mais prototípica, F2 apresenta um elemento que funciona como membro (não prototípico) da categoria evocada em F1.
Pragmática	A estrutura argumentativa factual “até que” dá ênfase à informação de F1. O comentário contrário em F2 é, então, assumido como ainda mais discrepante das expectativas geradas em F1.

Fonte: elaborado pelos autores.

A ativação do *frame* evocado em F1 elege tacitamente os bons representantes das categorias acionadas, por meio de efeito de prototipia. Os elementos contidos em F2 não são bons representantes das categorias, uma vez que a posição em que estão situados em uma escala (de atributos, por exemplo) marca o distanciamento da categoria.

4.1.2 As descrições indefinidas e a restrição da riqueza de interpretações

Em função do aporte teórico da Gramática das Construções, lidamos com uma premissa básica de que a atribuição de sentido deve levar em conta as pistas linguísticas formais. Uma das pistas linguísticas observadas no uso dessa construção é a restrição de que o elemento (pessoa ou item dentro de um grupo) em “(ATÉ QUE) PARA X” seja marcado como indefinido (pronome indefinido ou artigo indefinido + SN). A partir daí, podemos nos inspirar na proposta analítica de Fauconnier (1994)

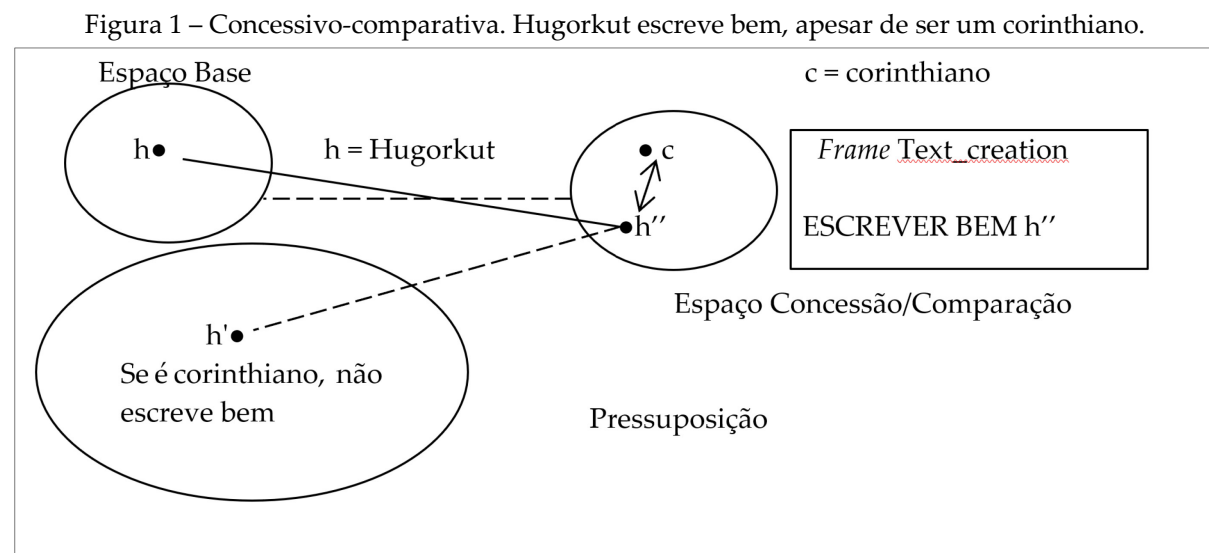
sobre o papel de descrições indefinidas no desdobramento de espaços mentais, aplicando-a aos nossos dados.

Inicialmente, desconsiderando-se possibilidades interpretativas diversas e ancoradas em contextos reais de uso, o enunciado a seguir pode apresentar três alternativas para o escopo da expressão indefinida “um corinthiano”:

(9) Para um corinthiano, Hugorkut escreve bem.

A expressão “um corinthiano” faz parte de um construtor de espaço (“para um corinthiano”) e pode ser interpretada como um parâmetro de comparação ou, mais forçosamente, como um espaço de opinião. Há, ainda, uma terceira interpretação, em que “para um corinthiano” possa ser interpretado como um direcional do texto escrito por Hugorkut (no sentido de escrever propositadamente para algum corinthiano ler).

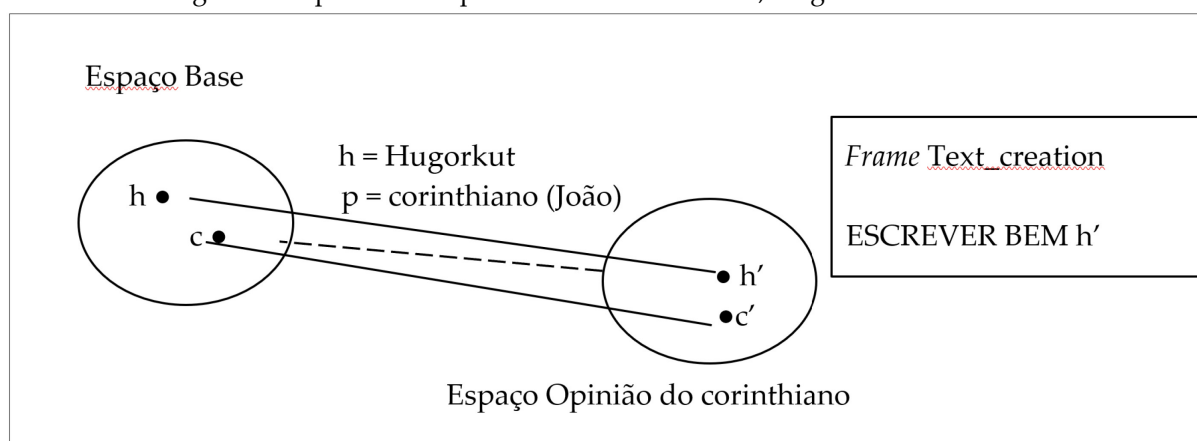
A seguir, apresentamos as propostas de diagramas para essas interpretações:



Na interpretação 1 (figura 1), “um corinthiano” refere-se ao papel desempenhado por algum indivíduo e liga-se a Hugorkut pela Identidade de papel-valor. Esta é a única interpretação em que Hugorkut é o valor para o papel corinthiano.

Nessa construção, é depreendida a pressuposição de causa e efeito do tipo “se P, não Q”, o que dá a entender que, dentre as expectativas geradas pelo *frame* Corinthiano em relação ao *frame* Text_creation (criação textual), não seria esperado que a pessoa necessariamente escrevesse bem. Tal interpretação ancora-se na existência de um *frame* Corinthiano circunscrito ao grupo de torcedores rivais, que tendem a associar desqualificação ao adversário. Vejamos, na Figura 2, outra possibilidade interpretativa:

Figura 2 – Opinião. Na opinião de um corinthiano, Hugorkut escreve bem.

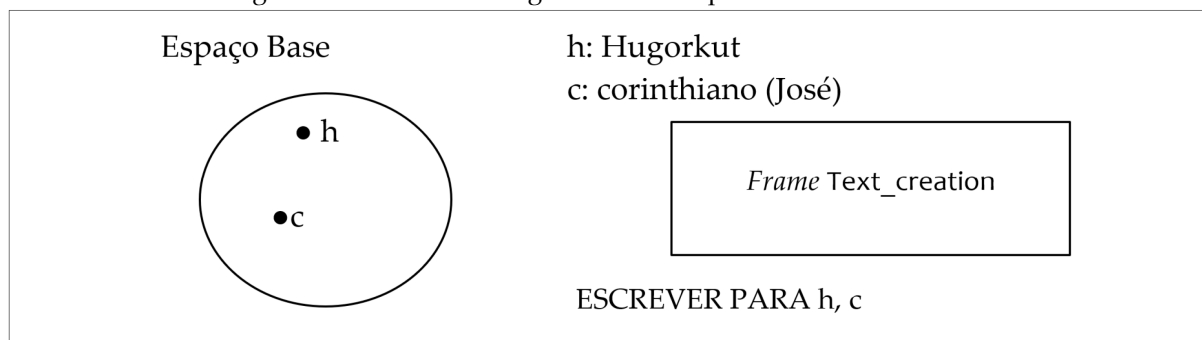


Fonte: elaborada pelos autores.

Na interpretação 2 (figura 2), a expressão “um corinthiano” comprime papel e valor e, neste caso, é usada para designar o valor, que poderia ser associado uma pessoa chamada João, por exemplo. Nessa interpretação, apenas na opinião de um corinthiano (dentre os demais corinthianos de alguma torcida) é que o Hugorkut escreve bem.

Já a interpretação 3 (figura 3) ilustra uma cena básica em que Hugorkut escreve um texto qualquer para um corinthiano (chamado José, por exemplo) ler.

Figura 3 – Direcional. Hugorkut escreve para um corinthiano ler.



Fonte: elaborada pelos autores.

Essa interpretação pode tornar-se menos forçada se houver alteração da ordem linear canônica “Hugorkut escreve bem para um corinthiano (ler)”, sendo que assim o enunciado fica estabelecido apenas no Espaço Base.

O uso de descrição indefinida proporciona, pois, a possibilidade de, ao menos, três interpretações. Caso a descrição em x for definida (“para o corinthiano”), as interpretações mais plausíveis serão de opinião (cf. figura 2) e direcional (cf. figura 3), excluindo-se, em potencial, a interpretação concessivo-comparativa.

Aplicada aos dados reais, em abordagem que prioriza a empiria em detrimento do uso irrestrito de exemplos produzidos pelo linguista, a interpretação para um enunciado próximo ao (9) parece seguir uma preferência de leitura concessivo-comparativa, corroborada pela configuração estrutural sintático-semântica da instância. O exemplo produzido em (9) foi uma adaptação do enunciado real ocorrido nos dados e apresentado em (10), a seguir:

(10) Gostei!!! Até que para um corinthiano vc escreve direitinho...rs...Brincadeira tá??? (Blog: Debatemos futebol/168/2010)²¹

²¹ Esta ocorrência está disponível em: <http://debatemosfutebol.blogspot.com.br/2010/05/historias-das-copas-1954-suica.html>. Acesso em: 10 abril 2016

Em (10), a visitante do blog “lianinharentas” tece o comentário após ler a postagem de Hugorkut, autor do blog e comentarista esportivo, sobre a história das copas mundiais. Tal comentário é avaliado pela própria visitante do site como “brincadeirinha”, o que permite questionar o fundamento do elogio “vc escreve direitinho”, indicando ter sido uma atitude que pode ser considerada indelicada e descortês.

Conforme é apontado por Fauconnier (1994), na língua, não há um conjunto fixo (e estanque) de leituras e sim um potencial gerativo de interpretações. No caso da estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y”, é importante ressaltar que, na ocorrência de (10), a presença de “até que” contribui para reforçar a leitura concessivo-comparativa, na medida em que destaca a relação de contraexpectativa, atribuindo-lhe maior notoriedade.

4.2 CCC cancela parcialmente a pressuposição

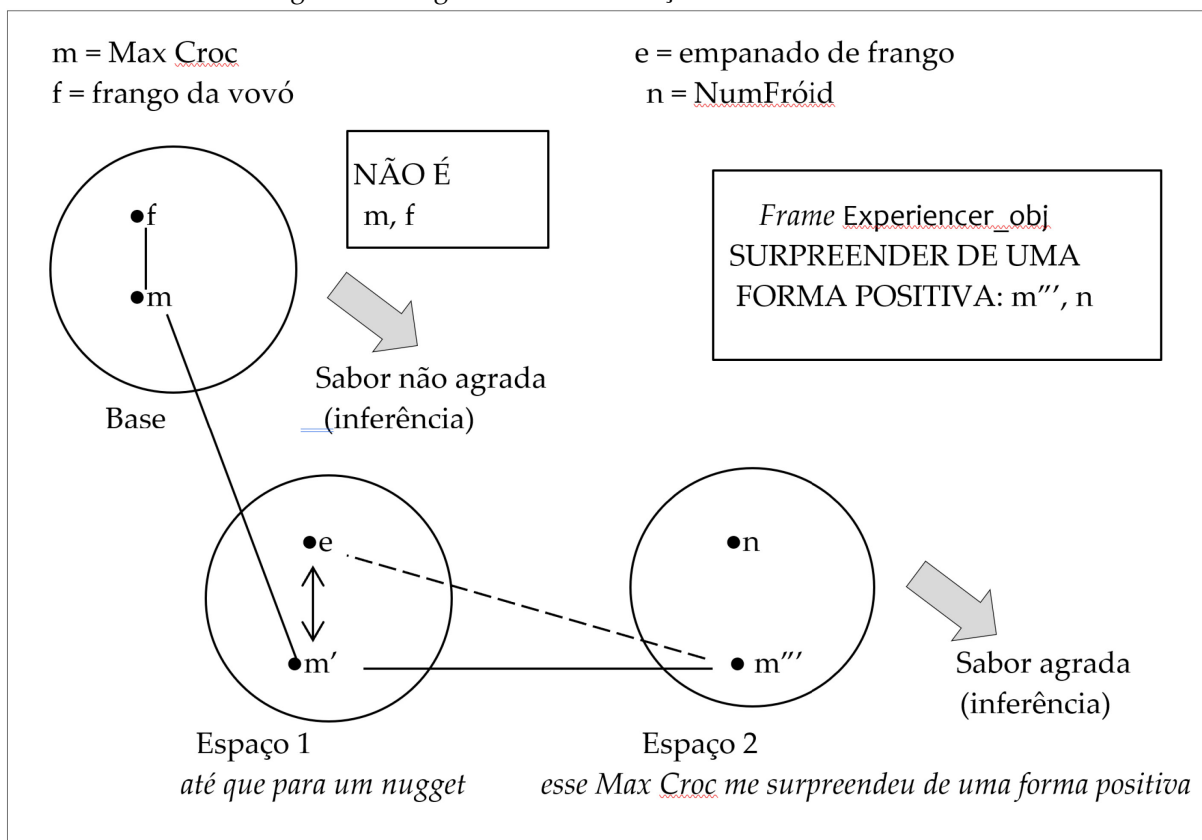
A Construção Concessivo-Comparativa é altamente ancorada no desdobramento discursivo e recebe significativa contribuição dos conceitos discutidos na Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997). Considerando-se as contrapartes “ATÉ QUE PARA X” e “Y” como espaços mentais interdependentes, podemos considerar que a avaliação de Y é pragmaticamente condicionada às expectativas levantadas na contraparte “ATÉ QUE PARA X”. Vejamos o exemplo (11):

(11) Olha, não me decepcionei, por favor não esqueçam que estamos falando de empanados então não esperem que isso seja um frango fresco da vovó porque não será nunca. *Mas até que para um nugget esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva.* Ele fica macio por dentro e crocante mesmo por fora. Além disso, ele é maior que o nugget da Sadia, do que o Tekitos, gostei mesmo. (...) Postado por NumFróid às 22:11 Um comentário (Blog: Eu experimento/166/2010)²²

²² Esta ocorrência está disponível em: http://euexperimento.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html
Acesso em: 10. Abril. 2016.

Uma vez que a configuração da CCC instanciada remete a uma contrariedade subjacente, o leitor do blog é convidado a pressupor que empanados de frango (nuggets) não sejam um tipo de alimento que surpreende positivamente o paladar. A verdade do comentário em Y (esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva) não é tratada como uma verdade absoluta, mas relativizada ao pertencimento do elemento citado em Y ao grupo de expectativas acionado em “(ATÉ QUE) PARA X”. Assim, a afirmação “esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva” não é tomada em absoluto. O elogio é interpretado como um recorte da realidade. Observando-se o contexto da instância (11), percebemos que a atribuição positiva dada ao Max Croc é marcadamente relacionada à sua condição de ser empanado. No diagrama a seguir, propomos ilustrar a relativização do comentário em Y, envolvida na instância da CCC:

Figura 4 – Diagrama da relativização do comentário em Y.



Fonte: dados da pesquisa.

No espaço Base, há uma relação de Identidade negada entre ser Max Croc e ser o frango da vovó, levando à inferência de que o sabor não agradaria. Ao enunciar a CCC, a produtora da postagem situa Max Croc como um alimento que, apesar de ser um empanado, agrada, acionando o *frame* de relação entre um experienciador e um objeto experimentado. Ainda que esteja configurada como uma construção que sinaliza haver uma contraexpectativa positiva, a instância (11), demonstra relativizar o elogio marcado pela expressão “me surpreendeu de uma forma positiva”. Ao analisar o fragmento “não esperem que isso seja um frango fresco da vovó porque não será nunca” da blogueira, depreendemos que a pressuposição (de surpreender negativamente) não é totalmente cancelada discursivamente: Max Croc surpreende, mas com ressalvas.

4.3 O processo de Mesclagem ou CCC como “um certo tipo de elogio atípico”²³

Como tem sido discutido, a CCC reforça o sentido de mitigação de uma avaliação positiva, uma vez que o comentário em Y é condicionado às expectativas geradas na contraparte “ATÉ QUE PARA X”.

O exemplo a seguir explicita o uso da CCC como recurso para rebaixar uma avaliação positiva. Em (12), o autor Cláudio faz uma postagem que, segundo ele, refere-se a suas impressões “ao ler algumas críticas americanas de alguns filmes brasileiros”. Vejamos seu posicionamento:

(12) Se eu fosse cineasta brasileiro eu iria ficar muito p-da-vida com o tratamento que a crítica do primeiro mundo trata os filmes brazucas: *é como se eles baixassem a barra* para que nós, coitadinhos, pudéssemos pulá-la.

Algo tipo: “Tadinho. Até que para um cineasta de terceiro-mundo o

²³ Em inglês, “a certain kind of awkward compliment” (certo tipo de elogio estranho) é o termo usado pela *designer* britânica Karen Jane para explicar a expressão usada para dar nome a seu blog: “Not bad for a girl” (Nada mal para uma garota). Essa estrutura guarda semelhanças com as construções por nós estudadas. Link: www.notbadforagirl.com

filme não está nada mau.”

Ou, exagerando: “Olha que bonitinho: o selvagem sabe fazer filminho.”

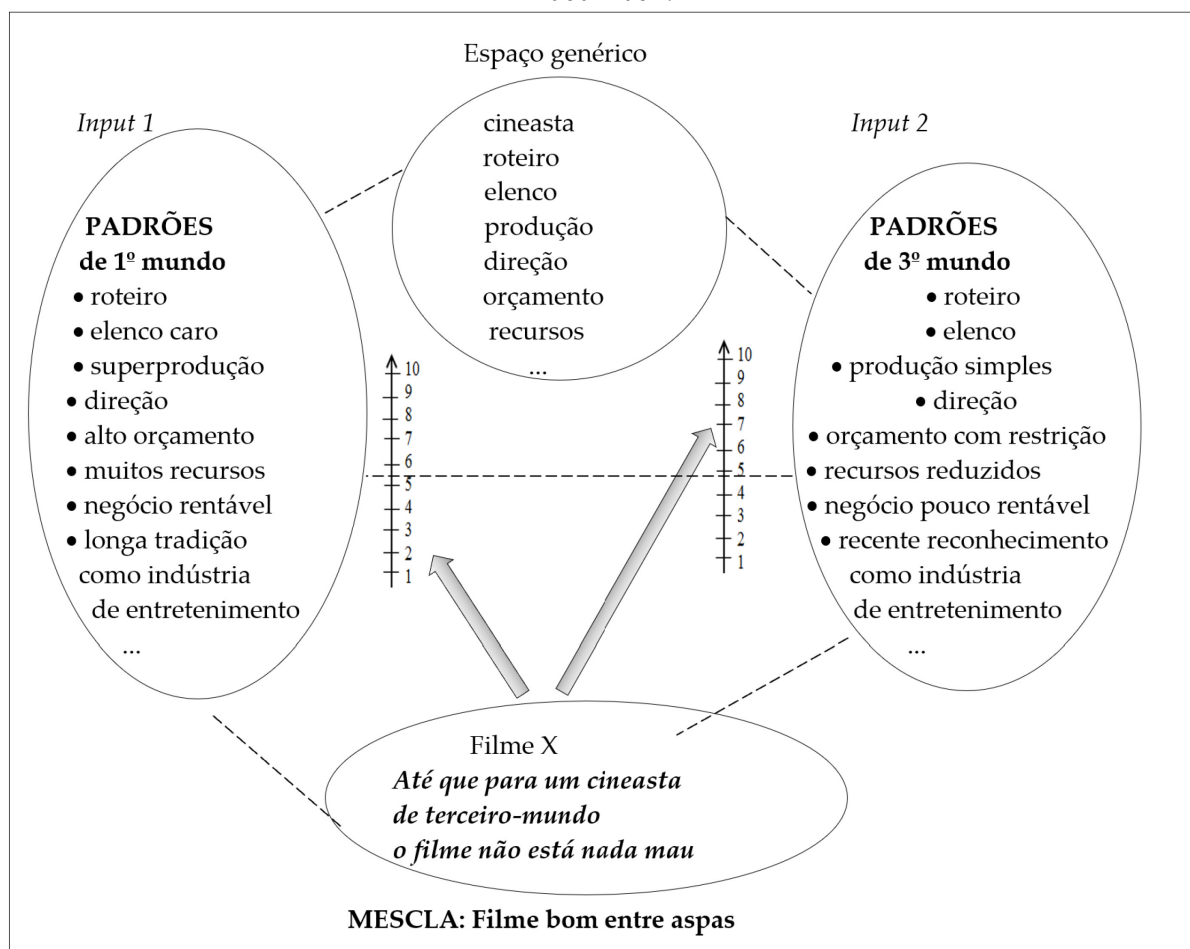
No meu tempo de moleque a gente chamava isso de café-com-leite: pirralhos que entravam na brincadeira para fazer número mas dos quais não podíamos exigir muito. (Blog: Reality is out there/170/2006) (grifos nossos)²⁴

A postagem é sobre o descontentamento do autor em relação à forma como a crítica internacional estaria lidando com filmes brasileiros e discute o olhar estrangeiro sobre cineastas de países de terceiro mundo por meio da avaliação dos filmes produzidos por tais cineastas. Segundo é ilustrado pelo autor, na visão da crítica americana de cinema, um enunciado que expressasse o poder pragmático de baixar a barra (no sentido de abrandar o rigor avaliativo) para criticar filmes brasileiros teria, na CCC, uma das possibilidades de manifestação. O diagrama na figura (5) é uma proposta de representação da conceptualização feita pelo autor do blog, inspirada na proposta de mesclagem conceptual discutida por Fauconnier e Turner (2002). Nessa concepção, o “filme bom entre aspas” surge em uma mescla que comprime expectativas sobre filmes brasileiros e filmes da indústria norte-americana:

²⁴ Esta ocorrência está disponível em:

http://realityisoutthere.blogspot.com.br/2006_12_01_archive.html Acesso em: 10. Abril. 2016.

Figura 5: Mesclagem conceptual em “Até que para um cineasta de terceiro-mundo o filme não está nada mau”.



Fonte: elaborado pelos autores.

O exemplo (12), ilustrado na figura (5), corrobora a tese de mesclagem conceptual, com atenuação da escala pragmática, evidenciada no trecho que ocorre imediatamente antes da construção: “é como se eles baixassem a barra para que nós, coitadinhos, pudéssemos pulá-la”. O ato de baixar a barra para que alguém possa saltá-la simboliza a operação conceptual da construção. Em Y, há contraexpectativa positiva atenuada por meio do uso de negação de atributo desfavorável: “não está nada mau”, sendo que, no plano semântico, pode-se dizer que seja equivalente a “está bom”. Após a instância da construção, é reforçado o caráter de rebaixamento, quando o autor associa o suposto elogio à atitude “café-com-leite” dos mais fortes aos mais fracos.

Partindo-se de dois padrões diferentes, do cinema de primeiro e do cinema de terceiro mundo, representados respectivamente pelos *Inputs 1* e *2*, tem-se diferentes concepções do que seja um tipo de filme desejável. Assim, um filme X seria considerado “nada mau” num espaço mental criado para expectativas próprias de produções cinematográficas de terceiro mundo. Na escala que está atrelada ao *Input 2*, o nível de qualidade do filme seria razoável. Já na escala pertencente ao *Input 1*, o nível de qualidade do filme seria baixo, uma vez que, comparado aos padrões americanos, o filme seria o equivalente ao que um selvagem consegue produzir, conforme é dito no desabafo do autor do blog.

Assim, avaliado sob o viés da mesclagem conceptual, o teor avaliativo da CCC é entendido como a projeção de uma mescla que funciona como a expressão <<entre aspas>> (que pode sinalizar como forma de indicar ironia). Dessa operação, que constrói uma categoria *ad hoc*, surge, portanto, a mescla equivalente a: “Filme bom entre aspas”.

4.4 “mas um elogio ainda assim”²⁵

Em nossos dados, há 178 (em 195) casos assinalados como contraexpectativa positiva, sinalizando que a CCC pode ser usada para elogiar. Quando produz (13), por exemplo, o enunciador demonstra fazer elogios ao ator Fernando:

(13) O legal de você conversar com pessoas que te conhecem, mas você não faz a mínima questão de quem seja, é que elas soltam verdadeiras pérolas. Agora a tarde esbarrei com uma figura dessas.

O CIDADÃO – Te assisti no Teatro esses dias, fuzei na internet e acabei descobrindo seu blog!

EU – Legal! O que você achou do blog?

O CIDADÃO – Até que para um Palhaço, você escreve legal, dá pra rir um pouco!

²⁵ Segundo a *designer* britânica Karen Jane, “Not bad for a girl” é “a certain kind of awkward compliment” (certo tipo de elogio estranho), “but a compliment all the same” (mas um elogio ainda assim).

Não resisti e comecei a rir, ele sem saber o que fazer começou a rir também. Rimos juntos por longos minutos na fila para se servir no Restaurante, eu ria da afirmação um tanto quanto sincera do Cidadão e ele confesso que não sei exatamente do que ele ria, mas era algo incontrollável! Por pouco o Restaurante não parou pra ver.

Postado por Fernando Borghi às 18:12 (Blog: Fernando Borghi/163/2011)²⁶

Em (13), o autor Fernando Borghi, que é um palhaço profissional e ator de teatro, relata no blog um suposto elogio direcionado a ele, em diálogo ocorrido na fila de um restaurante. O homem teria feito o comentário ao reconhecer o ator e contar que leu e apreciou seus textos no blog. O comentário da pessoa é avaliado pelo autor como “afirmação um tanto quanto sincera do Cidadão”, o que permite questionar o fundamento do elogio.

Importante salientar que em (13) subjaz um acionamento de expectativas baixas. Assim, o elogio de “escrever legal” é relativizado se comparado a alguém que, para o falante, fosse enquadrado como escritor profissional. De igual modo, o elogio feito a Fernando parte do estereótipo de palhaço como um tipo de artista que não trabalha com escrita, sendo inesperado encontrar tal habilidade.

Em 91% das vezes, comentário em Y é linguisticamente codificado como uma avaliação positiva. Assim, a CCC indica ser uma proposta voltada para atuar como elogio de fato. Uma vez codificada como elogio, intensifica-se a sutileza para criticar: o que, em última instância, evidencia o propósito pragmático do enunciador por meio do emprego da construção, que se caracteriza como um instrumento sutil de depreciação.

Vista sob esse viés, análise de CCC se fundamenta no fato de que essa construção (e similares, como foi o caso da construção em língua inglesa – “Not bad for a girl”) pode ser percebida pelo interlocutor como uma espécie de “elogio atípico”.

²⁶ Ocorrência disponível em: http://fernandoborghi.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html. Acesso em: 10 abril 2016.

Contemplado isoladamente, nos casos de contraexpectativa positiva, o comentário avaliativo que preenche o slot Y pode ser interpretado como elogio. No entanto, ele não é dado em absoluto. Há uma relativização anunciada na contraparte “ATÉ QUE PARA X”, que torna o elogio condicionado à comparação a um determinado grupo de expectativas. É justamente essa relativização que, gestalticamente, pode, de forma mais ou menos sutil, depreciar o elemento avaliado.

5 Considerações finais

Apresentamos nossas considerações sobre alguns dos percursos analíticos empreendidos neste trabalho. Esperamos ter demonstrado que a estrutura “ATÉ QUE PARA X [DISPARA FRAME/EXPECTATIVAS], Y [COMENTÁRIO CONTRÁRIO]” é uma construção concessivo-comparativa do português brasileiro, e que imprime um sentido holisticamente apreendido como concessivo, assemelhando-se, em certa medida, às relações de concessividade canonicamente expressas por “embora p, q²⁷”. Como vimos nas discussões dos dados, as contrapartes passam a ser assumidas como situações conflitantes.

Procuramos demonstrar a restrição formal que parece se aplicar à construção: a presença de um Sintagma Nominal de caráter menos específico em X, que aciona um *frame* de expectativas para um grupo comparativo (grupo ou categoria em que está incluído o ser avaliado) apesar de estar preenchido como elemento no singular. A CCC é empregada em situações que, em diversas vezes, acionam estereótipos, cristalizados ou circunscritos, a depender de sua extensão do SN, numa relação que oscila entre corroborar a existência do estereótipo, naturalizando-o, e quebrar as expectativas já estereotipadas.

A partir de uma abordagem baseada em dados empíricos, verificamos a marcação de uma contraexpectativa positiva em Y. Entretanto, essa marcação não é

²⁷ Na notação “embora p, q”, “p” equivale à proposição de uma situação e “q” representa a cláusula principal, contrária à expectativa, como em “embora estivesse chovendo, ele saiu de casa”.

estanque, uma vez que pode haver uma oscilação entre uma contraexpectativa positiva e uma crítica mais ou menos explícita. Essa construção é, portanto, ajustável, e demonstra operar num *continuum*, estabelecendo-se na penumbra entre o elogio e a crítica.

Por fim, ancorados na Teoria dos Espaços Mentais, propusemos que CCC estabelece uma relação de cancelamento (ao menos parcialmente) de pressuposições, que atuam as categorias acionadas em “ATÉ QUE PARA X”, a partir da avaliação feita em Y. Essa avaliação, seja positiva ou negativa, é sempre relativizada à comparação feita entre o elemento inserido em Y (não prototípico) e a categoria à qual pertence (em X). Dessa forma, a pesquisa sobre a CCC demonstra a existência de um processo conceptual de mesclagem que funde duas escalas pragmáticas de avaliação do elemento: uma escala que avalia o elemento como um todo; e uma escala que relativiza sua avaliação a uma comparação circunscrita.

Referências Bibliográficas

COULSON, S. **Semantic Leaps**: Frame-shifting and conceptual blending in meaning construction. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511551352>

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511803864>

DIEMER, S. Corpus Linguistics with Google?. *In: Proceedings of the 2nd Conference of the International Society for the Linguistics of English*. International Society for the Linguistics of English. Boston, 2011. Disponível em: <http://www.bu.edu/isle/files/2012/01/Stefan-Diemer-Corpus-Linguistics-with-Google.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

FAUCONNIER, G. Pragmatic entailment and questions. *In: SEARLE, J.; KIEFER, F.; BIERWISCH, M. (org.). Speech act theory and pragmatics*. London: D. Reidel Publishing Company, 1980. DOI https://doi.org/10.1007/978-94-009-8964-1_3

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**: Aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511624582>

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139174220>

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: Conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. *In: Linguistics in the morning calm. Selected papers from SICOL-1981*. Seoul, Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of *let alone*. **Language**, Vol 64, No 3, p. 501-538, 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>

FILLMORE, C.; LEE-GOLDMAN, R.; RHOMIEUX, R. The FrameNet Constructicon. *In: BOAS, H.; SAG, I. (org.). Sign-based construction grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012.

GOLDBERG, A. **Construction**: A construction grammar approach to argument structure. The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: The Oxford University Press, 2006.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. *In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.). Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2016.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática das Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Veredas**- revista de estudos linguísticos. v. 6, n. 1. jan/jun.2002. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap042.pdf> . Acesso em: 31 dez. 2020.

SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. *In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SWEETSER, E.; FAUCONNIER, G. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. *In*: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (org.). **Spaces, worlds, and grammars**. Chicago University Press: Chicago, 1996.

Artigo recebido em: 31.12.2020

Artigo aprovado em: 27.06.2021